

## VERSION PORTUGAISE ET COURT THÈME

### I. VERSION

#### Fora da pátria

Morreu há pouco de peste, em Macau, um assíduo frequentador do meu albergue, um íntimo, com quem eu me habituara, desde anos, às longas palestras, às mútuas confidências. A simpatia, como a antipatia, nasce espontânea e atinge intensidades estranhas sobre o convés do navio ou no solo do desterro, cavando-se assim profundas diferenças entre a existência daquele que nunca abandonou o seu meio e a existência do expatriado no campo exígua para onde o destino o arrojou.

Foram-se assim tornando, para nós dois, necessárias como o pão das refeições essas horas passadas em torno de uma mesa, fumando e tomando chá, subtraindo-nos à cena exótica e tristemente insípida que nos rodeava e em que nos encontrávamos como comparsas do acaso. [...] Dos meus lábios escapava-se a onda de palavras, em confidências, em quimeras, em miragens, em vagos sonhos ; e muito poderia contar de mim o companheiro, se vivesse ainda e se é que prestava ouvido atento ao que eu lhe ia dizendo. Dele, ser-me-ia fácil recompor agora a feição moral do seu pobre ser de boémio. [...] Um belo dia, atirou-o o destino para o mar — sei eu lá se foi o destino! —, o mar não é o Tejo, fiquem bem sabendo. Ele classificava em dois grupos os que seguem este rumo funesto. Uns, os mais numerosos por fortuna, passadas umas primeiras ilusões que haviam encastelado com os efêmeros materiais da poesia das idades tenras, aborrecem-no ; toleram-no, como ganha-pão, quando é já tarde para retroceder ; mas é no cantinho pátrio que eles idealizam o seu paraíso, casto e sereno. Outros há, e o meu companheiro de exílio tivera a desgraça de ser um deles, que se identificam com o mar, que vivem com ele e para ele, adquirindo, não sei por que mistérios, íntimas afinidades com essa superfície revolta, com esse elemento de desolação e de morte, que grita, que urra, que ruge, nos paroxismos da sua cólera quase incessante. Detestam eles o mar, mais do que os primeiros ; insultam-no, blasfemam dele ; mas sentem a existência acorrentada ao seu fadário, vão vivendo do gozo de sofrer o mais requintado, o mais sugestivo de todos os gozos.

Wenceslau de Moraes, *Dai-Nipon (O grande Japão)*  
(1897, 2º Edição, Seara Nova, Lisboa 1923)

## II. THÈME

### Terre des Hommes

Nous sommes tous de jeunes barbares que nos jouets neufs émerveillent encore. Nos courses d'avions n'ont point d'autre sens. Celui-là monte haut, court plus vite. Nous oublions pourquoi nous le faisons courir. La course, provisoirement, l'emporte sur son objet. Et il en est toujours de même. Pour le colonial qui fonde un empire, le sens de la vie est de conquérir. Le soldat méprise le colon. Mais le but de cette conquête n'était-il pas l'établissement du colon ? Ainsi dans l'exaltation de nos progrès, nous avons fait servir les hommes à l'établissement des voies ferrées, à l'érection des usines, au forage de puits de pétrole. Nous avions un peu oublié que nous dressions ces constructions pour servir les hommes. Notre morale fut, pendant la durée de la conquête, une morale de soldats. Mais il nous faut, maintenant, coloniser. Il nous faut rendre vivante cette maison neuve qui n'a point encore de visage. La vérité, pour l'un, fut de bâtir, elle est, pour l'autre, d'habiter.

Antoine de Saint-Exupéry, *Terre des Hommes*, Gallimard, 1938